

A INQUIETUDE HUMANA COMO PRINCÍPIO FUNDANTE DO *HOMO VIATOR* EM SANTO AGOSTINHO

THE HUMAN RESTLESSNESS AS A FOUNDING PRINCIPLE OF *HOMO VIATOR* IN ST. AUGUSTINE

Bruno Fagundes Carneiro
Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro – PUC-Rio, Brasil
brunofcarneiro@gmail.com

Received: 03/08/2022

Accepted: 04/20/2022

Published: 05/26/2022

Resumo: A inquietude humana é um dos temas mais fundamentais dentro da antropologia agostiniana. A vida do homem é uma tensão ao infinito que o faz viver de forma inquieta, pois apresenta uma insatisfação consigo mesmo e, com isso, está imerso numa busca de princípios para suprir esse sentimento de inquietação que há na sua alma, sendo chamado a voltar-se para o seu interior para encontrar o seu fim último. A pesquisa centraliza os estudos sobre Agostinho a partir das suas análises sobre a inquietude humana, tendo como norte o conceito antropológico de *homo viator*. O *homo viator* é o ser cujas inquietações definem seu modo de ser, sendo por isso que o conduz a uma busca de respostas para as suas inúmeras dúvidas e indagações sobre a sua existência.

Palavras-chave: Agostinho. Inquietude. *Homo viator*. Felicidade. Deus.

Abstract: The human restlessness is one of the most fundamental themes of Augustinian anthropology. The man's life is a tension to infinity that makes him live uneasily because he is dissatisfied with himself and, as a result, is immersed in a search for principles to supply that feeling of unrest in his soul, being called back move within to find your last ending. The research centralizes the studies on Augustine based on his analysis of human restlessness, having as its north the anthropological concept of *homo viator*. The *homo viator* is the being whose restlessness define his way of being, which is why he leads him to seek answers to innumerable doubts and questions about his existence.

Keywords: Augustine. Restlessness. *Homo viator*. Happiness. God.

I. Introdução

A inquietude humana é um dos temas mais fundamentais da antropologia agostiniana. A vida do homem é uma tensão ao infinito que o faz viver de forma inquieta, pois apresenta uma insatisfação consigo mesmo e, com isso, está imerso numa busca de

princípios para suprir esse sentimento de inquietação que há na sua alma, sendo chamado a voltar-se para o seu interior e encontrar o seu fim último.

Nessa perspectiva, o autor interpreta a busca da felicidade como dependente da antropologia da inquietude, que está ligada à incompletude, e da vida como dinâmica de realização pessoal em, com e para Deus. Santo Agostinho considera o homem como um ser possuidor da vontade de felicidade e de verdade. Ele se reconhece como um ser inquieto e que quer encontrar o repouso. Agostinho investigando a sua própria interioridade, encontra Deus em seu interior e, simultaneamente, como aquele que a transcende. Enquanto espera a posse da beatitude, vive o perigo de se perder nas coisas que não o podem realizar como ser humano. Nesse viés podemos analisar como a inquietude está implicada no caminho percorrido pelo homem.

O Doutor da Graça afirma que somente Deus é conhecedor daquilo que se passa no interior, ou seja, na alma humana. O corpo vive na alma e a alma vive em Deus, e somente Ele possui o conhecimento de todas as coisas, tendo em vista que todas as coisas existentes foram criadas por Ele, portanto, somente a Ele pertence a competência do julgar.

Seguindo mais adiante, Santo Agostinho para explicar como a inquietude está implicada no entendimento do *homo viator*, versa sobre a temporalidade humana, concebendo a finitude como a dimensão fundamental da existência humana. Aqui temos o tempo, como caminho para a eternidade, que se avança no próprio desenrolar da vida humana. Após essa fundamentação, o Doutor de Hipona irá colocar o homem como um ser itinerante neste mundo e, por sua essência, *Imago Dei*, ou seja, criado à imagem de Deus. A perfeição do ser humano não é infinita como a do Sumo Bem, nem é encerrada em sua limitação. A efetivação dessa perfeição dá-se numa caminhada realizada pelo homem quando se reconhece como um ser em direção a Deus. Agostinho traduz este caminho como a busca da sua quietude, que irá apresentar-se como uma atividade da vida do Espírito, ou seja, da vontade, ou seja, do livre-arbítrio.

Por fim, pretende-se mostrar algumas figuras paradigmáticas que guiam o *homo viator* nas Sagradas Escrituras. Santo Agostinho foi influenciado pelos conceitos paulinos e, sendo leitor de São Paulo, afirma algumas virtudes presentes no apóstolo que o faz um ser que estava sempre em direção ao seu fim último, buscando um sentido para a sua vida. O Doutor de Hipona também faz uma leitura do bom samaritano e dos discípulos de

Emaús, concebendo-os como *homo viator*, que viviam em seus corações o sentimento de inquietude.

II. Desenvolvimento

2.1 Temporalitas humana

Santo Agostinho propõe uma teoria da história na qual a condição finita da pessoa humana manifesta-se como tensão e tendência ao infinito e eterno, que é Deus. É assim o primeiro a pensar a história de todo ser humano em sua relação com o Criador e o Salvador desta mesma história.

O homem passa a ser *homo viator*, peregrino que se deve realizar através da conquista de sua salvação; e o importante é que essa missão, longe de ter um caráter exclusivamente individual, só se concretiza na vida comunitária.¹

O Santo Doutor apresenta o homem como um ser itinerante, e, posteriormente, como aquele que vive para Deus, mostrando que o homem apresenta em sua história, uma origem: foi criado por Deus; uma vocação, que é viver segundo a justiça divina, no amor e no bem; e o seu fim, que é o próprio Deus.

Começamos por dizer que a palavra “caminho” é uma referência muito comum nos escritos agostinianos e uma das palavras mais queridas para ele. Esta vida, diz, é um *caminho*; somos caminhantes. Se a palavra “caminho” na espiritualidade agostiniana é todo um símbolo, a denominação do ser humano como *viator*, como *caminhante* ou *peregrino*, é uma das que melhor definem o que realmente somos.²

No livro XI da sua obra *Confissões*, Agostinho discute a questão do tempo e da eternidade, e frisa que a temporalidade está totalmente ligada ao homem, fazendo uma análise sobre o tempo, levando em conta o aspecto psicológico. Afirma que, sem a existência de Deus criador de todas as coisas e do Verbo de Deus, seria impossível pensar a questão da temporalidade, pois Deus é eterno e não depende do tempo para existir, a eternidade é maior que o tempo, ela não passa, é eterna e infinita.

¹BORNHEIM, G. A. Observações sobre a presença da metafísica platônica no pensamento de Santo Agostinho. *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, v. 17, fasc. 68, n. 68, p. 434-455, out.-nov.-dez. 1967, p. 435.

²FICHERO. *Interioridade e maturidade pessoal*. Agustinos Recoletos. Programa de formação permanente, 2015, p. 9. Disponível em: <<https://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/FICHERO11634.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

O Doutor da Graça faz uma análise filosófica sobre a essência do tempo, partindo do princípio de que Deus é o criador do céu e da terra e de tudo que nela é inserido. O tempo é visto pelo Doutor de Hipona, como a distensão da alma humana, sendo esta, capaz de voltar-se ao passado, intencionar no presente e se projetar a um futuro que ainda não existe.

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente; ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam daquele que sempre é presente.³

É tal distensão que permite a existência do passado e do futuro no presente. O tempo é a extensão da própria alma humana, ele é um instante indivisível, que não pode ser medido. Na memória existe papel fundamental na medida do tempo, é ela que nos faz resgatar os acontecimentos que já se foram, e esperar os acontecimentos que ainda virão. A temporalidade encontra-se ligada à memória, à intenção e à espera. Encontra na alma sua realidade, no distender-se da vida interior do homem. Por sua vez, pertence à alma, sendo esta própria distensão da alma precisamente uma continuidade entre memória, intenção e espera. Por conseguinte, o tempo é o que permeia toda a vida do homem. O tempo constitui uma questão que para quem o estuda, Santo Agostinho deixa bem explícito que o outro lado do tempo para o homem é a eternidade divina, uma vez que o homem é criatura, do mesmo modo que o tempo também é criatura.

Em primeira instância, o homem é visto como um ser que está sempre peregrinando nesse mundo em busca de respostas sobre si próprio e percorre à procura de um profundo encontro com a verdade. É um ser capaz de se elevar àquele que o criou e que lhe concedeu a inteligência.

Deus nos envia sinais adequados ao nosso caráter de peregrinos os quais nos advertem que não se encontra aqui embaixo o que procuramos, mas que devemos dirigir-nos desta terra para aquele lugar ao qual tendemos. Se assim não fosse não perseguiríamos aquelas realidades.⁴

Para Agostinho, o homem participa da criação divina e, conseqüentemente, caminha sempre em busca da Verdade. Entende-se, nesse sentido, que Deus é o único Ser

³ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 301.

⁴ AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1984, p. 147.

que pode dar sentido e unidade ao homem. Deus ama as suas criaturas de forma infinita e, em detrimento disso, Ele foi capaz de habitar neste mundo para libertar o homem do pecado. Por isso, o homem é dependente do amor de Deus que nos amou por primeiro.

Quem é o Filho de Deus? Já o dissemos e está escrito: “A Verdade!” Quem é aquele que não possui progenitor, a não ser a Suma Medida? (o Pai). Logo, todo aquele que vier à Suma Medida pela Verdade será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus. Quanto às outras coisas criadas, Deus as possui, mas elas não possuem a Deus.⁵

Santo Agostinho tinha uma grande paixão pela verdade, por isso, tinha como tema principal a busca pela verdade. E essa verdade é algo concreto, que é adquirida no encontro com Deus, que é a Verdade por essência. Sendo assim, Deus é o fim de toda a existência do homem. O homem deve buscar essa verdade no seu próprio interior. A verdade é a causa da existência do homem que, conseqüentemente, irá suprir os desejos humanos de completude. Para o homem trilhar a via da interioridade, que está intimamente ligada à verdade, é necessário ter a certeza da sua própria existência. E como segundo passo, é preciso ter em si algumas condições possíveis do conhecimento da verdade através da teoria da iluminação, tornando-se possível o entendimento do próprio interior.

O Doutor da Graça, baseado na teoria da iluminação, afirma que mesmo diante das dúvidas quanto ao conteúdo do pensamento e dos erros possíveis com ela advindo, pode-se enxergar a verdade com o olhar da alma. A fonte da verdade, Deus, é externa ao homem, porém ela só pode se manifestar no seu interior. Gilson comentará sobre a teoria da iluminação:

Primeiro, ela supõe que o ato pelo qual o pensamento conhece a verdade seja comparável àquele pelo qual o olho vê corpos *menti hoc est intelligere, quod sesui videre*. Ademais ela supõe que, os objetos devem ser tornados visíveis pela luz para serem percebidos pela vista, as verdades científicas devem tornar-se inteligíveis por um tipo de luz para serem apreendidas pelo pensamento. Enfim, ela supõe que como o sol é a fonte da luz espiritual que torna as ciências inteligíveis ao pensamento. Portanto, Deus é para nosso pensamento o que o sol é para a nossa vista; como o sol é fonte da luz. Deus é fonte da verdade.⁶

⁵ AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e A vida feliz*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 155-156.

⁶ GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2010, p. 159.

Para compreendermos esse contexto, o Doutor da Graça em sua obra *Confissões*, ilustra de forma aclarada o que foi dito: “Feliz de quem te ama e ama seu amigo em ti e seu inimigo por causa de ti. Pois só não perde ninguém aquele para o qual todos são caros naquele que não se pode perder⁷”.

A metafísica da interioridade parte da concepção de que o homem é um composto substancial entre corpo e alma. Com isso, Agostinho faz uma distinção entre alma e corpo, apontando os seus respectivos alimentos e isso resulta na busca pela plenitude, uma vez que essa está voltada, para uma realidade transcendente que deve estar alicerçada num meio imaterial. O Doutor de Hipona estabelece uma reflexão sobre o homem interior. Ou seja, tudo o que o homem busca sempre estará no seu mais íntimo, dentro de si mesmo. Com isso, afirma que o encontro com Deus se dá no interior do homem, pois, Deus, enquanto criador, mantém uma relação íntima com o ser criado e está mais próximo daquilo que é próprio desse ser. Portanto, o caminho que o homem trilha, enquanto criatura, é um itinerário para a Verdade e alcançar essa Verdade Absoluta é ser iluminado pela graça divina.

Quem conhece a verdade sabe o que é essa luz; e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor a conhece. Ó verdade que és Eternidade! Ó Amor que és Verdade! Ó Verdade que és Amor! Tu és meu Deus, por ti suspiro noite e dia.⁸

Ao enxergar suas inquietudes e dúvidas, Agostinho voltou-se sobre si mesmo e sentiu a necessidade de observar o seu interior, o que há de mais próprio dele em seu íntimo; sendo assim, partindo do que há no seu exterior. Esse movimento de fora para dentro pode ser considerado como a via da interioridade. E de fato, Agostinho escolheu esse caminho de procura que se manifesta na via de interiorização.

Talvez dessa via da interioridade, que é um mergulho em si mesmo, seja possível extrair um manifesto do mundo interior, cuja finalidade é abarcar a amplitude, a vastidão, as inquietações, as incertezas e as contradições que traduzem as possibilidades de o *homo viator* compreender-se existencialmente e *engrandecer* a Deus.⁹

⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 70.

⁸ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 136.

⁹ CONTALDO, Sílvia Maria De. *Cor inquietum: uma leitura de Confissões*. Tese (Doutorado em Filosofia). *Civitas Agostiniana*, Porto Alegre: PUCRS, n. 2, p.193-196, 2011, p. 194.

A via da interiorização abordada pelo bispo hiponense é o passo primário para que haja uma regeneração da identidade humana. Em outros termos, é uma restauração de si mesmo, a qual o homem atinge, portanto, o encontro com a verdade, que já habitava em seu íntimo, sendo, pois, condição de plenitude. A interioridade é vista, por Agostinho, como um caminho, um processo que o homem faz em direção a Deus por meio de si mesmo, partindo de uma realidade externa a ele ou daquilo que lhe circunda, para depois voltar-se ao seu interior.

Tarde demais eu te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! E eis que tu estavas dentro de mim enquanto eu estava fora; era lá fora que te procurava. Criatura deformada, mergulhei de cabeça nesses objetos de beleza que tu criaste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Elas me detiveram longe de ti essas coisas belas que, não estivessem em ti, simplesmente não existiriam. Tu me chamaste, gritaste e rompestes minha surdez. Tu reluziste, brilhaste e aniquilaste minha cegueira. Tu espalhaste doces perfumes, e eu os inalei e suspirei por ti. Degustei, e senti fome e sede. Tu me tocaste, e eu senti um desejo de tua paz.¹⁰

Percebe-se que no pensamento agostinista, o voltar-se para si é condição de libertação das paixões temporárias que de maneira desordenada resultam no hedonismo e no materialismo. Essas determinadas paixões transitórias podem também conduzir o homem a uma perda da sua própria identidade, impedindo-o de ir mais além, de ir além de si próprio, de enxergar aquilo que está na sua dimensão exterior. São todas essas coisas que fazem com que o indivíduo não possua a plenitude, mesmo buscando-a.

Entretanto, enquanto estivermos em sua busca, somos forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. É servindo-me daquele termo “plenitude” empregado por Licêncio (cf. IV, 30), ainda não possuímos a plenitude. Não presumamos assim, haver alcançado a nossa medida.¹¹

A inquietação é uma característica própria do ser humano que vive a experiência da incompletude. E devido ao seu sentimento de inquietação, o homem sente-se numa incompletude nessa vida. Apresenta-se como um ser sedento do infinito. Isto quer dizer que, o homem é um ser dependente e carente de Deus. Concomitantemente, o *homo viator* deve seguir um rumo que o permite ser cheio de Deus para que receba todas as benesses de

¹⁰ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 219.

¹¹ AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios e A vida feliz**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 156.

Cristo, tornando-se unido a Deus, que irá gerar em seu coração um sentimento de contentamento, excluindo todo o drama existencial no qual encontra-se inserido.

O homem dotado de uma finitude, começa a buscar algo que está além de si mesmo, ou seja, uma realidade que o transcende, de um fundamento que não consegue encontrar em si próprio. Esse ser transcendente que o indivíduo busca é o próprio Deus, que é o seu fim último. Sendo assim, a finitude humana não se encerra em si mesma, pois o homem está numa constante caminhada em direção a Cristo, pois é na relação com Deus que o homem consegue encontrar um sentido para a sua existência.

A temporalidade é a condição originária do homem que está caracterizada pela passagem do tempo à eternidade. O tempo, nesse sentido, é o “enquanto” do homem que aparece com um antes e um depois que são eternos. Nesse itinerário há uma interferência do pecado, que com o passar do tempo, torna dramático o “enquanto”, mas não aniquila a condição originária do homem, que é um ser-direto-à-eternidade.

2.2 Inquietum Humanum

O homem é um ser dotado de vontades; com isso, segundo Santo Agostinho, a inquietude humana está entendida no âmbito ontológico, e é esta que define o estado do homem que está em direção a Deus, no qual encontra a plenitude do seu ser e o repouso que tanto busca para a sua alma. Esse sentimento de inquietação faz do homem um ser possuidor de impulsos e tendências, pois é um ser dotado de vontades, paixões, sentimentos e desejos. A vontade, segundo Agostinho, é faculdade da alma que tende ao bem. E é na vontade que esse bem se movimenta. Em outras palavras, é um querer de intenção ou de escolha, podendo ser entendida como algo que seja eficaz.

Quer quanto à origem desta inquietação quer quanto ao seu fim. Enquanto *homo viator* Agostinho está interessado mais em manter esta tensão interna da inquietude, que o impele a aproximar-se cada vez mais da beatitude, do que propriamente um descanso na tranquilidade de quem está satisfeito. Se esta tensão se mantém na não identidade entre aquilo que somos e aquilo para que fomos feitos, só nas últimas páginas deixa antever esta inquietação: «o homem, neste mundo, sofre de uma desordem estrutural desde a origem. [...] Agostinho era sabedor dessa incompletude».¹²

¹² CONTALDO, Sílvia Maria De. Cor inquietum: uma leitura de Confissões. Tese (Doutorado em Filosofia). Civitas Agostiniana, Porto Alegre: PUCRS, n. 2, p.193-196, 2011, p. 194.

A vontade é “*conditio sine qua non*”¹³ do pensamento ético agostiniano e se reflete na liberdade do sujeito, pois uma vez o ser humano caído por causa do pecado, que é a desassimilação de Deus; pode retornar, frente à fuga das paixões e da acomodação, em busca de sua origem em Deus, o “*thelos*”¹⁴ – no caso a perfeita ordenação dos seres no Amor. Temática esta que favorece ao indivíduo a opção de escolha de determinadas ações, pois o homem, segundo Agostinho, age de acordo com a sua intenção, este aspecto que será de importante necessidade para a compreensão da moral agostiniana.

Agostinho refuta o maniqueísmo colocando a vontade como um movimento da alma racional, que está ligada às coisas corporais, atuando na matéria, na geração e na conservação. Também através da memória, a alma conserva a força do hábito, ou seja, a vontade é um movimento contínuo de um desejar e um querer permanente.

A vontade é um elemento essencial para a compreensão da ética, de acordo com Agostinho, é uma livre determinação do sujeito. Deste modo, com a referida categoria, o agir ético do homem reside em sua intenção perante o objeto ou fato. Os objetos criados são bons, tendo em vista que em sua essência trazem este aspecto; contudo, a noção de efemeridade permanece nele, pois ele é material, ou seja, relação do ser no não-ser. Em suma, os objetos em si devem contribuir para a ascese do indivíduo para o seu fim último. Deste modo, o homem deve focar seu entendimento no que transcende a materialidade e a multiplicidade dos objetos sensíveis, caso contrário, a sua vontade será determinada como múltipla e finita.

Por ser um indivíduo com certas inclinações, o ser humano possui uma vontade de liberdade. Em outras palavras, o *homo viator* está em busca também de sua liberdade, esta que o faz um ser livre para gerar suas escolhas e analisar suas boas ou más ações. O livre-

¹³ “*Conditio sine qua non*” é uma locução adjetiva, do latim, que significa “condição sem a qual não”. É uma expressão frequentemente usada no nosso vocabulário e faz referência a uma ação ou condição que é indispensável, que é imprescindível ou que é essencial.

¹⁴ A *teleologia* (do grego τέλος, finalidade, e -logia, estudo) é o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade. Embora o estudo dos objetivos possa ser entendido como se referindo aos objetivos que os homens se colocam em suas ações, em seu sentido filosófico, teleologia refere-se ao estudo das finalidades do universo e, por isso, a teleologia é inseparável da teologia (a afirmação de que um ser superior, Deus, realiza seus propósitos no universo). Suas origens remontam aos mitos e à religião, com sua noção de que todo acontecimento e todas as coisas são causadas pela vontade de alguma entidade sobrenatural (deuses, Deus, espíritos). Platão e Aristóteles elaboraram essa noção do ponto de vista filosófico. No Fédon, Platão afirma que a verdadeira explicação de qualquer fenômeno físico deve ser teleológica. Ele se queixa daqueles que não distinguem entre as causas necessárias e causas suficientes das coisas, que ele identifica, respectivamente, como a causa material e a causa teleológica.

arbítrio é a capacidade de escolha com que todos os homens nascem e a liberdade é a capacidade para agir bem. Com a queda do homem, esse perde a liberdade, mas o livre-arbítrio continua. Assim, o livre arbítrio serve como ponte para a liberdade. Segundo Sesboüé, “o exercício do livre-arbítrio permite que a liberdade aproxime-se do dom de Deus através do tempo. Quanto mais a liberdade se firma em Deus, menos fica sujeita às vicissitudes do livre arbítrio¹⁵”.

O livre-arbítrio não é um mal, e sim um bem em si mesmo. Ser livre é não ser determinado por outro. A liberdade, na qual o homem foi criado, o faz viver somente o bem. Porém, isto só acontece pela graça de Deus em sua vida, pois é esta que ajuda o homem a escolher, acima de tudo, o bem, deixando o pecado e o mal de lado.

Deus, portanto, criou o homem exclusivamente para o bem. Ao usar mal o livre-arbítrio, a partir do qual, por sua vontade pode escolher entre o bem e o mal, o homem acaba se afastando da graça e vivendo no pecado. Entretanto, para Agostinho, o homem tem sempre a oportunidade de se converter e de caminhar na graça de Deus, vivendo sua liberdade. A liberdade, na qual o homem foi criado, o faz viver o bem. A fonte originária que causa esse mal é encontrada somente no interior do homem.

A criação do homem dotado de livre arbítrio e de uma “saúde” que lhe permite discernir o bem e o mal. A natureza do homem, criada livre, é, com efeito, uma graça, pois é dada gratuitamente. [...] A revelação divina ajuda o homem a conhecer a vontade de Deus e a observar seus preceitos; é, pois, uma “graça de salvação”; a graça consiste, ainda, nos exemplos dos santos, mesmo que pagãos, pois sempre houve homens que não pecaram ou não permaneceram no pecado. Nas escolhas, a graça é, pois, uma ajuda externa da liberdade humana para que ela decida com retidão, mas não age no cerne do livre arbítrio.¹⁶

Quando o mal está no homem, significa que ele está vivendo de forma terrena, em um caminho de pecado e, com isso, o Bispo hiponense, vê uma grande necessidade do homem viver na graça, pois é através desta que ele irá conseguir ter uma vida celestial, que estará sempre voltada para Deus, alcançando uma maior comunhão com Ele¹⁷.

¹⁵ SESBOÜÉ, Bernard. **O Homem e sua Salvação**: antropologia Cristã: criação, pecado original. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 257.

¹⁶ SESBOÜÉ, Bernard. **O Homem e sua Salvação**: antropologia Cristã: criação, pecado original. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 244.

¹⁷ AGOSTINHO, Santo. **A Graça**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 29-30.

Diante dessas buscas e inquietudes estreitamente presentes no homem, é necessário ordená-lo à felicidade, pois somente esta trará a quietude plena. A felicidade consiste em repousar no absoluto, que é Deus. Assim, a busca da felicidade torna-se uma busca de Deus. Todo ser humano possui o desejo de felicidade que o move a buscá-la. O homem aspira uma vida feliz para alcançar a sua completude. Isso pode ser explicado pelo fato de o homem não compreender plenamente a Deus, que é a Suma Verdade.

Essa busca pela felicidade eterna exige do homem um desprendimento de todas as suas paixões para alcançar a posse do Sumo bem, o qual leva o ser humano a ter uma *beata vita*. O autor afirma em sua obra *A cidade de Deus* que o papel da filosofia é a busca da felicidade, pois o único motivo que leva o homem a filosofar é o desejo de ser feliz e o que o torna feliz é a meta do bem.

Segundo Santo Agostinho existem dois modos para o homem ser feliz: possuindo efetivamente a felicidade ou possuindo-a somente na esperança. A posse da alegria de forma verdadeira e plena leva o indivíduo a possuir uma vida feliz. O desejo de felicidade é universal, ou seja, não está em cada indivíduo singular, mas no ser humano como um todo. A noção de felicidade é interior, que deve ser alcançada por meio dessa dimensão interior presente no homem.

Certo impulso interior que nos convida a lembrar-nos de Deus, a buscá-lo, a sentir sede dele, sem nenhum fastio, jorra em nós dessa mesma fonte da Verdade. É luz que esse misterioso sol irradia em nossos olhos interiores. E é dele que procede tudo o que proferimos de verdadeiro, ainda que tenhamos volver para ele nossos olhos ainda doentios ou recém-abertos, e de o fixarmos face a face. Esse sol revela-se a nós como sendo o próprio Deus, ser perfeito sem nenhuma imperfeição a diminuí-lo. Pois nele encontra-se toda perfeição, completa e íntegra, visto que ele é, ao mesmo tempo, o Deus todo-poderoso.¹⁸

Ninguém pode ser feliz sem possuir o que deseja. Com isso, o homem irá procurar um bem que seja permanente, livre das variações da sorte das eventualidades da vida, um bem que não seja passageiro ou perecível e que não possa ser retirado em algum revés de sorte. Quem vive bem possui a Deus. Quem faz e segue a vontade de Deus, fazendo o que Ele quer, o possui. É necessário fazer o que agrada a Deus. Em outras palavras, aquele que vive na vontade e no querer de Deus, tem a posse de Deus.

¹⁸ AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e A vida feliz*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 156.

Segundo o bispo hiponense, a suprema felicidade do homem está diretamente vinculada à posse do Sumo Bem na eternidade. A alegria só pode vir de Deus, não outra felicidade. A vida feliz consiste no homem peregrino se alegrar em Deus, de Deus e por Deus. O ser humano não deve se alegrar com qualquer falsa felicidade, pois só em Deus, que és a Suma Felicidade, este pode possuir uma vida feliz.

Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com qualquer alegria. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só àqueles que desinteressadamente vos servem: essa alegria sois Vós. A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam existe outra, apegam-se a uma alegria que não é verdadeira. Contudo a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria...¹⁹

Na ordem da proximidade, aquele que busca bem viver será feliz. Já aquele que vive mal, tendo Deus de forma distante, será infeliz, pois que se permitiu afastar-se dele por causas de suas inclinações e, deste modo, também não gozará da benevolência de Deus. Todo homem que encontrou a Deus e reconhece essa bondade divina é feliz e todo aquele que ainda está em busca de Deus, mesmo tendo consciência de sua benevolência ainda não pode ser considerado feliz.

O *homo viator* está sempre a caminho do seu fim último, ou seja, em direção à eterna felicidade. Esse ser possui um sentimento de inquietude, que é dado exatamente pela sua constante busca pelos bens permanentes e imperecíveis que somente estes podem vir a saciá-lo. Nesse sentido, a felicidade será a quietude do homem, isto é, é somente através desta que o homem encontrará uma ordem no seu interior. E essa Felicidade é o próprio Deus, sendo a Verdade excelente, inabalável e imutável.

2.3 O *homo viator* nas Sagradas Escrituras

Nas Sagradas Escrituras podemos nos deter em algumas figuras que são exemplos desse ser peregrino, que viveram essas inquietudes, mas que ao mesmo tempo, souberam ordenar-se ao bem para serem felizes, mesmo com suas vontades, complexidades, a sua inclinação ao mal e outros fatores.

Santo Agostinho, como leitor de Paulo, sentiu-se tão imerso na doutrina paulina que tomou para si toda a vida do Apóstolo, ficando seguro pela presença da Graça de Deus

¹⁹ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 262.

que o fazia progredir em sua missão. O centro da teologia paulina está na doutrina da justificação pela fé. Santo Agostinho afirma que a fé é a virtude que procede da vontade, sendo um ato livre do ser humano, que está ligada à obediência.

A fé como obediência e opção. Repitamos: a iniciativa da fé pertence a Deus. É Ele quem nos dá o instinto interior e a luz da fé. Vimos em Santo Tomás (cf. supra, lauda 84) que ela é luz, não porque nos faz ver, isto é, nos proporciona evidência, mas, sim, porque é um *videre esse credenda*, é uma luz que encerra uma tendência. Por isso, a fé não procede da inteligência, mas da vontade. Por isso é que se fala de vontade de crer (*Glaubens-willen*), de fé como opção livre.²⁰

Paulo foi aquele que viveu a virtude da caridade, sendo esta a plenitude da Lei, ou seja, o cumprimento dessa Lei é dado através do amor, em outras palavras, da caridade. Toda Lei depende de dois preceitos: do amor a Deus e ao próximo, como dito no Evangelho de São Mateus no capítulo 28. Nesse contexto, a finalidade do preceito deve ser a caridade, sendo exercida através de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem fingimentos.

Santo Agostinho comenta sobre esse cumprimento da Lei em sua obra *Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos; Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos*:

Com as palavras: “Quem ama o outro cumpriu a Lei”, o Apóstolo mostra o cumprimento da Lei posto no amor, ou seja, na caridade. Daí o fato de também o Senhor dizer que toda Lei e os Profetas dependem destes dois preceitos, isto é, do amor a Deus e ao próximo (cf. Mt 28, 37-40). Daí também o fato de aquele que veio cumprir a Lei ter dado o amor mediante o Espírito Santo e, assim, o que o temor não podia cumprir, a caridade o cumprisse depois. É também a razão pela qual o Apóstolo disse: “A caridade é a plenitude da Lei”, e também: “A finalidade do preceito é a caridade, que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia” (1 Tm 1,5).²¹

Santo Agostinho afirma que Paulo, após sua conversão, sentia uma certa necessidade de se submeter a Deus. E nesse processo de submissão, ele passou a desprezar todos os bens que eram passageiros e temporais e passou a se sujeitar aos bens que eram necessários àquele tempo, bens que fossem duradouros. O apóstolo ainda afirma que era necessário submeter-se a Cristo por dever de consciência, por amor a quem estivesse sujeito

²⁰ FEINER, Johanes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: revelação de Deus e resposta do homem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978, p. 55.

²¹ AGOSTINHO, Santo. *Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos; Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 62.

por ordem do Senhor, Aquele que quer que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade.

Agostinho, baseado nos escritos do apóstolo Paulo, faz três distinções metafóricas que são encontradas nos textos paulinos referentes à imagem de Deus: o homem velho e o homem novo; o homem terreno e o homem celeste e, entre o homem exterior e o homem interior.

Second, during this early period, Augustine repeatedly interprets these two trajectories in terms of three metaphorical distinctions that he finds in Pauline texts that refer to the image of God—the “old human / new human” of Colossians 3 and Ephesians 4; the “image of the earthly human / image of the heavenly human” of 1 Corinthians 15; and the “outer human / inner human” of 2 Corinthians 4.²²

São Paulo concebe dois tipos de homem: o homem velho, sendo este terrestre e exterior; e o homem novo, sendo considerado um homem interior e celestial. O Doutor da Graça faz uma interpretação dessas duas visões sobre o homem apresentadas pelo apóstolo, assumindo para si todos esses conceitos referentes ao homem.

In fact, it replicates the exegesis of Faustus, the Manichean Elect (or perfect) with whom Augustine became quite familiar during the formative decade that Augustine lived as a “zealous [Manichean] hearer.”²³ Faustus writes, “For according to the Apostle there are two men, one of whom he sometimes calls the outer man, generally the earthly, sometimes too the old man; the other he calls the inner or heavenly or new man”.²³

O homem velho está mergulhado em suas ações terrenas, como por exemplo, a ira, as suas impurezas, paixões desordenadas etc. É necessário buscar as coisas do alto e mortificar esses membros terrenos que provocam cada vez mais a ira de Deus. Paulo foi chamado a morrer para as coisas da terra, pois sua vida estava escondida em Deus, estava sendo sempre orientada por Deus. Portanto, abandonou o homem velho, que era cheio de soberba e orgulho dentro de si, e se revestiu do homem novo, tornando-se à imagem de seu Criador (“*imago Dei*”).

Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus: quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com

²² PUFFER, Matthew. Human Dignity after Augustine’s *Imago Dei*: On the Sources and Uses of Two Ethical Terms. *Journal of the Society of Christian Ethics*, 37, 1 (2017): 65-82, p. 70.

²³ PUFFER, Matthew. Human Dignity after Augustine’s *Imago Dei*: On the Sources and Uses of Two Ethical Terms. *Journal of the Society of Christian Ethics*, 37, 1 (2017): 65-82, p. 70.

ele sereis manifestados em glória. Mortificai, pois, vossos membros terrenos: fornicação, impureza, paixão, desejos maus, e a cupidez, que é idolatria. Essas coisas provocam a ira de Deus sobre os desobedientes. Assim também andastes vós quando vivíeis entre eles. Mas agora abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente. Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos.²⁴

São Paulo tornou-se um homem novo, começou a viver no combate pela fé e passou a buscar as coisas celestes, as que são perenes que não mudam com o passar do tempo. Iniciou-se uma vida de profunda piedade e espiritualidade e tomou consciência de que Deus o elegeu e, por isso, deveria manifestar uma certa prudência em suas ações não vivendo mais segundo o homem terreno, mas sim despojando-se de tudo aquilo de que o afastava de Deus.

Para o bispo de Hipona, o apóstolo dos gentios estava sempre em via de caminhos, ou seja, sempre caminhava em direção a Deus, Aquele que o criou e o consagrou como o último apóstolo. Nessa caminhada sempre em direção a Deus, Paulo abriu mão de suas vontades e passou a não mais resistir à vontade de Deus. É necessário direcionar-se a Deus para conhecer a sua vontade, e conhecendo a vontade divina Paulo recebeu o conhecimento da verdade que tanto buscava.

O bom samaritano é uma grande figura do *homo viator*. Santo Agostinho, ao ser um leitor do bom samaritano, o coloca como aquele que se preocupa com o próximo. O episódio do samaritano assegura quem seja o *próximo*. De todas as pessoas improváveis, um samaritano foi quem veio resgatar a vítima dos ladrões. Samaritanos eram odiados pelos judeus, pois estes os consideravam mestiços raciais e religiosos. No entanto, eis ali um samaritano fazendo por um judeu aquilo que nenhum judeu sonharia em fazer a um samaritano. O verdadeiro amor ao próximo é mútuo. Ele define tanto quem é o nosso próximo a quem devemos servir, quanto o que significa para ele sermos o seu próximo.

Na Parábola do Bom Samaritano, Jesus responde que o próximo é todo aquele que necessita de amparo, independentemente de quem seja. Mas também é fácil perceber que na parábola Jesus posiciona essa pergunta em sua forma correta. O ponto principal não é

²⁴ Cl 3, 1-11.

se perguntar “*Quem é o meu próximo?*”. A pergunta correta deve ser: “*Eu estou sendo um bom próximo para os necessitados ao meu redor?*”.

Deus concedeu ao homem a graça de amar. Sem a capacidade de amar não é possível alguém agir com misericórdia. Deus não elege “os que tem boas ações”, mas escolhe aqueles que n’Ele creem para que Ele conceda a graça de agir bem. Cabe ao ser humano o “crer” e o “querer”. Deus dá a esse ser dotado de crer e querer a faculdade de agir retamente por obra do Seu Espírito, na qual é infundida no coração do homem a caridade de Deus para o tornar um ser misericordioso.

No *Comentário da Epístola de São João*, Santo Agostinho menciona três termos usados para a concepção de amor em seu pensamento e que estão presentes na parábola do bom samaritano: o amor, *dilectio*, *caritas*. A primeira concepção tem um sentido indeterminado e mais amplo. Na obra *A Cidade de Deus*, Agostinho faz uma oposição entre dois tipos de amores: o amor a Deus e amor a si mesmo. Por isso, esse primeiro sentido do amor pode prestar-se de um certo tipo de contraste ou oposição.

Amor – entre os três termos usados é o de sentido mais extenso e indeterminado. Pode ser tomado como amor ao mal ou ao bem. Presta-se a antíteses. Lembremos a famosa oposição no texto de *A Cidade de Deus* (XIV,28) sobre os dois amores: o amor a Deus e o amor a si mesmo, que estão na origem das duas cidades. Essa mesma antítese encontra no *Comentário*, onde vemos posicionados: *amor Dei et amor mundi*, *amor terrenus et amor divinus* (II,8; e ainda em II,10.11; V,9 e X, 4). São duas espécies de amor que se excluem mutuamente. São incompatíveis: o amor de Deus e o da criatura; este, se desregrado, é perversão daquele amor que é movimento da alma para Deus. O amor das coisas é legítimo, mas não pode nos afastar de Deus, antes deve conduzir-nos até ele. *Dilectio* – Esse termo para Agostinho designa habitualmente o amor das realidades espirituais (VIII,5). De um lado, a dileção é amor bom, que tem o Espírito Santo por princípio. O próprio Deus tem dileção por nós. Ele é dileção: *Deus dilectio est* (VII,4; IX,10). A dileção pode ter, de nosso lado, a Deus ou os outros por objeto. Mas é sempre amor de benevolência, de oblação; não de concupiscência, captativo, de posse ou destruição do outro. *Caritas* – Agostinho identifica este termo explicitamente com a virtude teologal, se bem que também o empregue como sinônimo de *dilectio*: ‘A caridade da qual nada de mal pode proceder’, diz ele no trat. II,8. Não é raro que Agostinho chame de caridade ao amor natural e lícito de uns para com outros [...] O que ele deseja pôr em relevo nessa caridade natural é a gratuidade e desinteresse, que ele apresenta como característica essencial da verdadeira caridade.²⁵

²⁵ AGOSTINHO, Santo. *Comentário da Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 17.

Quando o sacerdote viu o homem ferido, não o acolheu e não lhe ofereceu ajuda. Da mesma forma um levita também descia pelo mesmo lugar, e também não se compadeceu do homem ferido. Mas em seguida descia por ali também um samaritano. Ao ver o homem ferido, o samaritano se compadeceu dele. O samaritano foi ao encontro daquele que estava precisando de ajuda, amando-o com um olhar espiritual, que é o próprio Amor, o qual pode ser visto com um olhar interior. Quem não ama o seu irmão que vê, não pode amar a Deus que não vê, pois Cristo é o próprio Amor.

Quando o levita aparece na parábola, ele também não prova ser melhor que o sacerdote. Ambos tinham falhado em cumprir um dos requisitos mais imperativos e fundamentais da Lei de Deus (cf. Mq 6,8). Eles não demonstraram amor e misericórdia para com os necessitados. Deus havia ordenado que os israelitas fossem misericordiosos até mesmo para com os estrangeiros e inimigos (cf. Ex 23, 4-5; Lv 19, 34; 2Rs 6, 8-23).

O amor supõe um sujeito que ame e outro que seja amado com amor. Em decorrer dessa afirmação, são encontradas três realidades: o que ama, o que é amado e o amor em si. O amor ou a caridade é uma virtude muito louvada e exaltada nas Sagradas Escrituras, pois representa o amor ao Bem. Por isso, deve haver esse Bem maior que ame e governe todos os outros bens.

Amai-vos pois, querei-vos bem. Não cuideis apenas de vós, pensai nos precisados que vos rodeiam. E embora isto acarrete fadigas e sofrimentos, nesta vida, não percais a coragem: semeai nas lágrimas, colhereis na alegria. Pois não é assim, irmãos meus? O agricultor, quando lavra a terra e põe as sementes, não está às vezes receoso do vento frio ou da chuva? Olha o céu e o vê ameaçador, treme de frio, mas vai em frente e semeia, para não acontecer que, esperando um dia sereno, passe o tempo e já não possa semear. Não adieis vossas boas obras, irmãos! Semeai no inverno, semeai boas obras mesmo quando chorais, pois “quem semeia nas lágrimas, colhe na alegria”.²⁶

A caridade começa no dar-se de seu supérfluo ao necessitado, ao que está passando por dificuldades. No homem há uma abundância de bens temporais, e aquele que dar ao próximo de sua abundância de bens temporais, está trazendo libertação de tribulações terrenas ao homem. Para a caridade alcançar a sua perfeição, é necessário esta ser sustentada pela Palavra de Deus e pela esperança da vida futura. Alcançando essa perfeição da caridade, o homem está preparado para doar a sua vida aos seus outros irmãos.

²⁶ GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos Santos Padres**. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 367.

As ações do homem podem ser distinguidas pela raiz da caridade. Esta virtude não abarca ações duras, grosseiras e ásperas. Ao contrário, seus atos devem ser inspirados e influenciados pela disciplina da caridade. Deve haver no coração humano a raiz do amor e dessa raiz não pode sair senão o bem. Foi dado um breve mandamento ao homem: ame e faz o que quiseses, portanto, todas as ações do homem devem ser praticadas com amor, misericórdia e mansidão.

Santo Agostinho mostra-nos que com a parábola do Bom Samaritano, Jesus indica que guardar a Lei do Senhor, cujo princípio fundamental é o amor a Deus seguido pelo amor ao próximo, é um comportamento que caracteriza àqueles que são herdeiros da vida eterna. Jesus não ensina que as boas obras e o cumprimento da Lei levam à salvação. O que Ele ensina é que aqueles que são salvos andam nas boas obras, e, como regra de gratidão, guardam os mandamentos do Senhor (cf. Efésios 2,10).

Santo Agostinho faz uma leitura dos discípulos de Emaús, abordando de forma minuciosa cada detalhe da caminhada desses discípulos, que era marcada por passos lentos, pelo silêncio, pela tristeza e pela ausência de ideais. De acordo com o bispo hiponense, os discípulos por alguns momentos deixam-se sucumbir pelo cansaço e, por isso, caem no esquecimento da advertência que São Paulo nos dá: "Não descuides do dom da graça que há em ti"²⁷. O Doutor da Graça assegura que os discípulos estavam como que cegos e não o reconheceram, ou seja, estavam como que insensíveis à presença do Senhor. O homem acaba procurando a felicidade em outros amores, sucessos, quando a fonte da felicidade se encontra dentro do seu próprio interior.

¿Qué nos aportó esta lectura a nosotros? Algo verdaderamente grande, si la comprendemos. Se les apareció Jesús. Le veían con los ojos, pero no lo reconocían. El maestro caminaba con ellos durante el camino y él mismo era el camino. Aquellos discípulos aún no iban por el camino, pues los halló fuera de él. Estando con ellos antes de la pasión, les había predicho todo: que había de sufrir la pasión, que había de morir y que al tercer día resucitaría. Todo lo había predicho, pero su muerte se lo borró de la memoria²⁸.

A tristeza, a murmuração e o desânimo levam o homem à não-percepção da realidade de paz, alegria e amor que é a vida com Deus. A vida é uma longa caminhada, por isso, é necessário o desejo ardente pela presença de Deus, que é Aquele que acompanha

²⁷ 1Tm, 4,14.

²⁸ AGUSTÍN, San. **Sérmon. 235**: Los discípulos de Emaús. Traductor: Pío de Luis, OSA. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_330_testo.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

todos os homens pelo caminho. Em outras palavras, o coração do homem vive na inquietude enquanto não repousar em Deus. O bispo de Hipona demonstra claramente essa visão em sua obra *Confissões*:

O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-vos; o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós²⁹.

No caminho de Emaús, Jesus, como mestre sábio na arte da conversão, parte da situação existencial em que os dois discípulos se encontravam naquele momento: provoca-os para que falem à vontade das causas de sua tristeza. Agostinho afirma que no fundo do coração dos discípulos havia um grande vazio que, inconscientemente, querem preencher a partir do diálogo entre si. Esse vazio interior que os discípulos apresentavam em si iguala-se com o vazio em que o próprio Agostinho sentia por um longo tempo de sua vida. O bispo hiponense vivia numa grande inquietude, com o coração cheio de anseios e dúvidas que o levava a uma constante busca pela verdade. Em resumo, encontrou a sua felicidade e plenitude somente em Deus que já habitava em seu interior.

A pergunta de Jesus sobre o problema que causava tamanho sofrimento neles foi o ponto de partida para encontrar a resposta que, no fim do itinerário, iria esclarecê-los, iluminá-los e devolver-lhes a felicidade e a esperança perdidas. A pergunta de Jesus (“Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?”³⁰) faz com que os discípulos levantem os olhos e olhem para o rosto do peregrino desconhecido. Sem perceber começam a sair de seu fechamento e a alegrar-se porque alguém está interessado em saber quais são as causas de sua tristeza e quer escutá-los.

*Lo que acabáis de oír, que el Señor, después de resucitado, encontró de viaje a dos de sus discípulos, conversando sobre lo que había acontecido, y que les preguntó: ¿Cuál es el tema de conversación que os ocupa?, etc., sólo lo narra el evangelista Lucas. Marcos lo menciona brevemente al decir que se apareció a dos que iban de viaje, pero pasó por alto tanto lo que ellos dijeron al Señor como lo que el Señor les respondió*³¹.

²⁹ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 27.

³⁰ Lc 24, 17.

³¹ AGUSTÍN, San. *Sérmon. 235: Los discípulos de Emaús*. Traductor: Pío de Luis, OSA. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_330_testo.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

Vale notar que os discípulos pediram para Ele ficar com eles porque já era tarde e o dia estava declinando. Segundo o bispo de Hipona, há dois aspectos desta parte que não se pode perder de vista, que é a hospitalidade dos discípulos, na qual mostra que estavam realmente preocupados com o destino do viajante. Este gesto explicita a abertura ao outro, uma vez que Deus se revela nele. Acolher o outro é acolher Jesus que habita no outro: “pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes³²”.

La vida caminaba con ellos, pero en sus corazones aún no residía la vida. También tú, pues, si quieres poseer la vida, haz lo que hicieron ellos para reconocer igualmente al Señor. Le dieron hospitalidad. El Señor tenía el aspecto de uno que iba lejos, pero lo retuvieron. Cuando llegaron al lugar al que se dirigían, le dijeron: Quédate aquí con nosotros, pues el día ya declina. Dale hospitalidad, si quieres reconocerlo como salvador. La hospitalidad les devolvió aquello de lo que les había privado la incredulidad. Así, pues, el Señor se hizo presente a sí mismo en la fracción del pan. Aprended dónde buscar al Señor, dónde tenerlo, dónde reconocerlo: cuando lo coméis. Los fieles saben algo, y ese algo lo comprenden en esta lectura mejor que los que no lo saben³³.

O compromisso dos discípulos com um viajante que eles acabavam de conhecer é um compromisso de amor. Cada um é muito importante para Deus, pois Deus é o próprio amor. Acolher o outro é a tarefa mais importante que o homem deve ter. Às vezes, as preocupações humanas são com as mais diversas coisas supérfluas, e leva o homem a esquecer do mais importante: o outro. Somente este vínculo profundo possibilita ter acesso às reservas interiores de compaixão, bondade e amor.

Os discípulos reconheceram o Mestre, que parecia decidido a continuar o seu caminho, mas eles retiveram-no. Os caminhantes souberam como procurar a Deus, como possuí-lo e reconhecê-lo, pois, enxergaram que Deus era o próprio caminho. E antes do reconhecimento, eles viviam fora desse caminho. Estes caminhavam em direção àquilo que lhes pudessem preencher todos os vazios que se levantavam em seu interior.

¿Qué nos aportó esta lectura a nosotros? Algo verdaderamente grande, si la comprendemos. Se les apareció Jesús. Le veían con los ojos, pero no lo reconocían. El maestro caminaba con ellos durante el camino y él mismo era el camino. Aquellos discípulos aún no iban por el camino, pues los halló fuera de él. Estando con ellos antes de la pasión, les había predicho todo: que había de sufrir la pasión, que había de morir y que al tercer día resucitaría. Todo lo había predicho, pero su muerte se lo borró de la memoria. Cuando lo vieron colgando del madero

³² Mt 25, 35.

³³ AGUSTÍN, San. **Sermón 235: Los discípulos de Emaús**. Traductor: Pío de Luis, OSA. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_330_testo.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

quedaron tan trastornados que se olvidaron de lo que les había enseñado; no les pasó por la mente la resurrección ni se acordaron de sus promesas. Nosotros -dicen- esperábamos que él redimiría a Israel³⁴. Lo esperabais, ¡oh discípulos!, ¿es que ya no lo esperáis? Ved que Cristo vive: ¡ha muerto la esperanza en vosotros? Cristo vive ciertamente. Cristo, vivo, encuentra muertos los corazones de los discípulos, a cuyos ojos se apareció y no se apareció. Lo veían y permanecía oculto para ellos. En efecto, si no lo veían, ¿cómo lo oían cuando preguntaba y cómo le respondían? Iba con ellos como compañero de camino y él mismo era el guía. Lo veían, sin duda, pero no lo reconocían. Sus ojos -como escuchamos- estaban incapacitados para reconocerlo. No estaban incapacitados para verlo, sino para reconocerlo.³⁴

Enfim, Santo Agostinho conclui que, aqueles que caminhavam e procuravam um sentido para o seu viver, viveram uma grande transformação do coração vazio e duro para o coração transbordante e abrasado, cheio de esperança. O novo diálogo arranca-os da solidão e da apatia e os faz retornar à comunidade para relatar a boa nova da experiência que fizeram. E, depois de reconhecê-lo, é necessário realizar imediatamente o “caminho de volta”, mostrando a esperança que havia sido renovada em seus corações, ou seja, toda a inquietude que os discípulos sentiam em seu interior passou a não mais existir, pois encontraram o caminho e o sentido que tanto necessitavam em suas vidas.

III. Conclusão

A inquietude faz com que o homem sinta a incompletude desta vida. O *homo viator* é um ser sedento do infinito, aquele que é dependente e carece de Deus. Concomitantemente, o homem é chamado a seguir um caminho que o permite ser em, com e para Deus, tornando-se unido a Ele, gerando em seu coração um sentimento de contentamento, excluindo todo o drama existencial no qual encontra-se inserido.

Vimos que, segundo Santo Agostinho, o encontro com Deus se dá no próprio interior do homem, pois Deus enquanto Ser Criador está tão íntimo de sua criatura, mais do que o próprio homem. Nessa perspectiva, o homem enquanto ser criado, possui um itinerário para a verdade, e alcançar a Verdade Suprema é ser iluminado pela graça divina. A busca pela felicidade eterna exige do homem um desprendimento de todas as suas paixões para alcançar a posse do Sumo bem, o qual leva o ser humano a ter uma *beata vita*. O

³⁴ AGUSTÍN, San. **Sermón 235: Los discípulos de Emaús**. Traductor: Pío de Luis, OSA. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_330_testo.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.

homem aspira uma vida feliz para alcançar a sua completude. A noção de felicidade é interior, e esta deve ser adquirida por meio dessa dimensão interior presente no homem.

A vida interior, um dos pilares da doutrina agostiniana, possibilitou-nos compreender os caminhos que levam o homem a perceber a necessidade de voltar-se para Deus. A via interior manifesta-se na dialética e na busca constante entre o homem e Deus, este que interroga primeiro o homem e o ilumina para entendê-lo através da graça, e esta é fundamental na vida humana.

A condição humana em Agostinho expressa autenticamente seu ser na medida em que está em permanente abertura e relação com uma realidade que a transcende. Contudo, com a corrupção do pecado original, o ser humano sente uma insatisfação com a realidade existencial em que ele se encontra, buscando coisas que são imperfeitas e finitas e outras realidades que não pertencem à bondade de Deus.

Agostinho propõe a posse de Deus como porto da felicidade, somente essa será a garantia da felicidade no homem. A única coisa que merece ser designada como um dom de Deus é, sem dúvida, a vida feliz. E essa vida feliz irá consistir no perfeito conhecimento de Deus, não baseando-se em qualquer bem-criado, mas sim deve equivaler-se a um Bem perfeito e absoluto. A felicidade está centrada no conhecimento da Verdade na interioridade da alma.

A verdadeira felicidade consiste no *homo viator* alegrar-se em, com e por Deus. O ser humano não deve contentar-se com qualquer falsa felicidade, pois só em Deus, que és a Suma Felicidade, este pode possuir uma vida feliz. O conhecimento da verdade no interior da alma é posse e fruição de Deus. Essa fruição é entendida como sendo um deleitar-se de Deus.

O Doutor da Graça teve grande influência de São Paulo, e sendo leitor deste concebe-o como uma figura paradigmática que guia o *homo viator*. Pois, o apóstolo dos gentios possuía numerosas virtudes que o faz ser um homem possuidor de finitude que caminha em direção a um ser transcendente. São Paulo completou a sua corrida nessa terra combatendo e lutando contra os bens mutáveis e perecíveis que o afastava d'Aquele que o criou.

Santo Agostinho, em sua leitura da parábola do bom samaritano, mostra-nos que guardar a Lei de Deus, cujo princípio fundamental é o amor a Deus seguido pelo amor ao próximo, é um comportamento que caracteriza àqueles que estão caminhando em direção

à eternidade. As boas obras e o cumprimento da Lei não levam o homem à salvação, mas aqueles que são salvos andam nas boas obras, e, como regra de gratidão, guardam os mandamentos de Deus. O homem não deve gloriar-se pelas obras como se fossem suas, mas deve ter a consciência de que as boas obras são realizadas por graça e dom de Deus, reproduzidas com amor que visa sempre o bem.

Santo Agostinho sendo leitor dos discípulos de Emaús, enumera cada detalhe da caminhada desses discípulos, que era marcada por passos lentos, pelo silêncio, pela tristeza e pela ausência de sentido. Santo Agostinho em sua leitura dos discípulos de Emaús, conclui que, aqueles que caminhavam e procuravam um sentido para o seu viver, viveram uma grande mudança do coração vazio e duro para o coração quieto e cheio de esperança. E, depois de reconhecê-lo, é necessário realizar imediatamente o “caminho de volta”, mostrando a esperança que havia sido renovada em seus corações, ou seja, os discípulos encontraram todo o sentido da sua vida, acharam o seu caminho, que é o próprio Cristo e, com isso, toda a inquietude que sentiam em seu interior passou a não mais existir.

Conclui-se que a busca da felicidade depende da antropologia da inquietude da vida como dinâmica de realização pessoal em, com e para Deus, pois é esse sentimento de inquietação que irá conduzir o homem ao movimento de interiorização, que através deste encontrará a vida feliz. Portanto, a felicidade será a quietude do homem, somente através desta o homem encontrará uma ordem no seu interior. E essa Felicidade é o próprio Deus, sendo a Verdade excelente, inabalável e imutável.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte 1 (livros 1-10). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. **A Graça**. São Paulo: Paulus, 1999. v. 13.
- _____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística, 7).
- _____. **Comentário da Epístola de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- _____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística, 10).
- _____. **Confissões**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- _____. **Confissões**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- _____. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos; Explicação da Carta aos Gálatas; Explicação incoada da Carta aos Romanos**. São Paulo: Paulus, 2009.
- _____. **O Livre-Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2001. (Patrística, 8).
- _____. **Soliloquios e A vida feliz**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística, 11).

- AGUSTÍN, San. **Sermón 235: Los discípulos de Emaús**. Traductor: Pío de Luis, OSA. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_330_testo.htm>. Acesso em: 23 out. 2019.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CATECISMO da Igreja Católica. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999.
- CONTALDO, Sílvia Maria De. Cor inquietum: uma leitura de Confissões. Tese (Doutorado em Filosofia). **Civitas Agostiniana**, Porto Alegre: PUCRS, n. 2, p.193-196, 2011.
- FEINER, Johanes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium Salutis I/4: revelação de Deus e resposta do homem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FICHERO. **Interioridade e maturidade pessoal**. Agustinos Recoletos. Programa de formação permanente, 2015, p. 9. Disponível em: <<https://www.agustinosrecoletos.com/wp-content/uploads/2016/09/FICHERO11634.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abudd Ayoud. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.
- _____. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos Santos Padres**. São Paulo: Paulinas, 1979.
- OLIVEIRA E SILVA, P. O binômio vontade-ser em De Libero Arbitrio de Santo Agostinho: **Philosophica**, Lisboa, v. 1, n. 5, p. 19-34, 1995.
- PUFFER, Matthew. Human Dignity after Augustine's Imago Dei: On the Sources and Uses of Two Ethical Terms. **Journal of the Society of Christian Ethics**, 37, 1 (2017): 65-82.
- QUEIROZ, Martinho Gomes. **De Magistro: a linguagem e Santo Agostinho**. Recife: Companhia editora de Pernambuco, 1989.
- RUSSO, Alexandre Toler. **A felicidade pelo conhecimento em Agostinho**. 2007. 57f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PUC-SP, São Paulo, 2007.
- SANTOS, Danilo Nobre dos. **A felicidade e sua busca: no De beata vita de Santo Agostinho**. 69f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UNESP, Marília, 2016.
- SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca**. Tradução: Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2006.
- SESSBOÛÉ, Bernard. **O Homem e sua Salvação: antropologia Cristã: criação, pecado original**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. (História dos dogmas, 2).